

A LINGUAGEM DA ALIMENTAÇÃO E O TRABALHO COM BEBÊS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO REMOTO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Alidiane Josefa Barbosa da Silva ¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, desenvolvida por meio de uma pesquisaintervenção (SALUSTIANO, 2006) em uma creche municipal da cidade de Campina Grande/PB, e ocorrido de forma remota em virtude da pandemia do Covid-19. A temática discorre sobre a linguagem da comida e da arte, nela presente, como subsídio importante à formação de crianças da educação infantil. Assim com base nos dados levantados, bem como, mediante entrevista realizada com a gestora, pudemos perceber que com todas as mudanças de cenário vividas atualmente, tornou-se um pouco confuso entender como se configuram a partir de então as garantias aos direitos resguardados às crianças, e que a necessidade do distanciamento prejudica sobretudo as interações. No entanto, ainda que não tenhamos obtido muitos feedbacks, estes nos afirmaram a importância da temática.

Nos subsidia na realização desse trabalho, além do aporte legal, autores como: Martins et al (1988), Ostetto (2010), Horn (2004), Lessa (2011), Rees (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, Educação Infantil, Linguagem da alimentação.

INTRODUÇÃO

Para além da obrigatoriedade no processo de formação no Curso de Pedagogia de acordo com a ementa do curso e PPC, o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, toma um caráter indispensável. É fundamental vivenciar a prática dos ambientes escolares no processo de formação de um futuro pedagogo, ainda que seja um exercício desafiador, o aprendizado obtido através dessa experiência torna-se mais eficiente, mais significativo. Compreendo que a partir das experiências proporcionadas pelo estágio é que os futuros professores começam a moldar suas carreiras. São pelas

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Bolsista do programa PET-Pedagogia da UFCG. alidiane-ph@outlook.com;

vivências e a construção dos saberes ocorrida por meio dessas, que compomos nossa identidade como educador, construída pelo encontro com as crianças, suas essências, o contexto social em que está inserida a escola.

Por meio do significado que damos à nossa prática, a reflexão que realizamos no processo de ensino e aprendizagem, e a relação com outras experiências docentes favorecem a novas formas de concepção desse fenômeno de maneira mais pessoal. Desse modo, posso afirmar que os saberes docentes e o estágio supervisionado não são díspares, mas, estão fortemente interligados e encontram-se revestidos pelos desafios contemporâneos da educação.

Não apenas para nós - professores estagiários-, o momento do estágio é também uma oportunidade para as crianças vivenciar, por meio das práticas interventivas, temáticas que nem sempre são abordadas no contexto da educação infantil, ou quando são demandas do próprio currículo não são aprofundadas, a exemplo da escolhida por nós para esta pesquisa.

A vista disso, apoiando-me em alguns documentos formativos (BNCC, DCNEis) e corroborando com estes em entender a necessidade de um desenvolvimento integral das crianças de até 05 anos, enxergamos na educação infantil um espaço privilegiado para a formação e o desenvolvimento dos princípios éticos, políticos e estéticos. a temática eleita para ser abordada nesse momento tratou, da indispensabilidade de ampliar as experiências alimentares e a produção artístico cultural das crianças, através dos alimentos.

Desse modo, utilizar-se do universo artístico para tratar tal propósito é por reconhecer que, na educação infantil a arte torna-se um meio de expressão do universo cognitivo e afetivo da criança, pois através dela se constrói e reconstrói a realidade, evocando sentidos e significados para o conhecimento produzido pelas crianças, usando suas diversas formas e elementos.

Segundo Ostetto (2010) o objetivo da arte é “promover a aproximação das crianças aos diferentes códigos estéticos, ampliando seus repertórios vivenciais e culturais” (OSTETTO, 2010, p. 28). Para a autora é necessário alargar os objetivos do

trabalho pedagógico considerando as múltiplas linguagens da infância, linguagens essa que segundo Loris Malaguzzi são diversas, segundo o autor é através das linguagens que as crianças aprendem e relacionam-se com o mundo por meio de diferentes formas utilizadas para simbolizar (MALAGUZZI, 1999). A linguagem aqui referida em especial diz respeito a linguagem da comida, por entender que esta ultrapassa os atributos da necessidade fisiológica e contempla aspectos multissensoriais, simbólicos, e até lúdicos.

De acordo com Ferraz e Fusari (1993) as crianças vivenciam e interagem com a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano, e esta exerce vivas influências estéticas na criança. Corroborando com esse pensamento Martins et al (1998), ressaltam que: “Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reapresenta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário...” (MARTINS, et al, 1998, p. 57). Essa mesma concepção está presente no pensamento de Horn (2004), e contemplada também pela diversidade de possibilidades presentes no campo de experiência: “Traços, sons, cores e formas” (BNCC, 2017) na BNCC. Assim dizendo, a variação de possibilidades que podemos experienciar com as crianças é enorme, e segundo autoras Barbosa e Horn (2004) é fundamental para que ela entenda que a diversidade que a cerca pode e deve ser experimentada por ela.

Desse modo, tendo em vista a necessidade de ampliar as experiências alimentares e a produção artístico cultural das crianças, através dos alimentos, esse trabalho busca relatar as experiências no Estágio Supervisionado em Educação Infantil trabalhando com a linguagem da alimentação, atrelada ao viés artístico, explorando diferentes materiais.

Porém como conter a frustração que nos advém após sermos atingidos de maneira tão severa e desumana por um vírus que nos impede a percepção de emoções, dilemas, dificuldades, adaptações decorridas no dia-a-dia de uma escola? A pandemia e toda mudança de comportamentos visibilizados de forma direta e/ou indireta promoveu mudanças radicais em praticamente todas as esferas que envolvem o ser humano. Diante disso, é salutar destacar que o momento tornou-se mais apreensivo do que antes, por

agora haver ainda a indispensabilidade de desbravar caminhos digitais até então desconhecidos, e ainda, ressignificar a maneira de dar aula principalmente por estar relacionada a práticas com bebês foram alguns pontos desafiantes durante esse período de estágio supervisionado.

Nos cabe porém entender, que esta integração com a realidade afetada pelo momento vivenciado, mas focado aqui no âmbito educacional (não esquecendo que este está atrelado e impactado por outras esferas - sociais, familiares, entre outras) não é processo que dure só uma unidade de tempo para compreensão, de acordo com Torres (1979), aqui, a extensão de estágio, as diversidades culturais, sociais e individuais são variáveis e impactam em todo os momentos os processos educacionais. É um exercício duradouro, que surge como fator determinante, para a consciência pessoal que vai se construindo e se constituindo nesse processo.

METODOLOGIA

Para esse processo utilizamos de uma pesquisa por meio da abordagem qualitativa, pelas quais podemos trabalhar as subjetividades e interações dos sujeitos pesquisados. Como método apropriado o estudo de caso, em virtude de que neste, nos esclarece Rapimán (2015), dar-se á entender uma determinada situação em profundidade, Optamos para a investigação utilizar a pesquisa – intervenção, pois corroboramos com Salustiano (2006, p. 38) ao entender que a intervenção é uma “metodologia em que o investigador interage com os sujeitos da pesquisa de forma propositiva na tentativa não só de compreender mas também de transformar a realidade investigada.”

Após definirmos o caráter da pesquisa, elencamos como instrumentos de coleta de dados propícios à observação participante e entrevistas. É indispensável destacar que a coleta destas informações ocorreu de forma remota, por meio de plataformas virtuais, em virtude da pandemia do Covid-19.

O trabalho então passou a ocorrer de forma remota, devido a necessidade de readaptação no modo de trabalho. Para iniciarmos a nossa observação bem como as intervenções, realizamos uma reunião via *Google Meet*, na qual estavam presentes a gestora, as professoras das turmas do Berçário I e II, a professora orientadora do estágio, eu e outra estagiária que estaria também com intervenções na mesma turma. Nessa reunião, nos apresentamos, e fizemos uma breve exposição de nossa temática para proposta de trabalho nas turmas. Nesse momento foi nos repassado como estava acontecendo o trabalho com as crianças, de que modo aconteciam as interações virtuais, e alguns pontos e questões importantes para a organização e preparo das nossas intervenções. fomos inseridas em um grupo de aplicativo Whatsapp no qual estão as três professoras das duas turmas dos Berçários I e II, e também postas em dois grupos de Whatsapp que estavam incluídos, além das professoras e gestora, os pais e responsáveis das crianças. As professoras nos apresentaram no grupo aos pais e a partir de então iniciamos nosso momento de estágio.

A posteriori, observamos o planejamento e a rotina e pudemos preparar assim nossas intervenções de maneira mais significativa e de acordo com o perfil das turmas.

Planejei três intervenções que ocorreram da seguinte forma: por modo assíncrono, através de vídeos gravados em um aparelho celular, e editados em um aplicativo próprio para edição no mesmo. A primeira proposta de atividade buscava por meio da observação instigar a criança a relacionar alimentos (frutas, verduras e legumes) que as crianças tivessem em casa com imagens disponibilizadas. Com isso os bebês poderiam ter um contato com os alimentos para além do que já estão acostumados na hora de comer, atentando para sua textura, cheiro, e cores.

A segunda intervenção tratava-se de uma música intitulada “Toda comida boa” da dupla Palavra Cantada, trabalhando por meio da musicalização as características diversas dos alimentos.

Para o terceiro momento busquei uma atividade que visava refletir sobre a experiência com a linguagem alimentar proporcionada aos bebês através do contato com os alimentos tanto no momento da preparação como também na decoração. A proposta trouxe como sugestão a produção de um iogurte cremoso de inhame e frutas, uma receita simples mas muito saborosa e nutritiva. Além da proposta em vídeo com o

passo a passo da receita, postei a receita escrita e os benefícios da utilização do inhame na alimentação. Sugeri ainda para essa atividade que, como elemento artístico, as crianças pudessem decorar o iogurte utilizando frutas, cereais ou algo de sua preferência. Como ideia, anexeí algumas imagens à postagem para servir de inspiração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A preocupação em trabalhar a linguagem alimentar com crianças na instituição escolar surge embasada nessa perspectiva, e conduzida pela preocupação com uma educação não fragmentada, mas voltada à complexidade das relações que compreendem o ato de educar conforme aporte teórico de Morin (2011).

Destaco como um ponto contundente as respostas e *feedbacks* por parte dos pais e responsáveis. Infelizmente já tínhamos consciência que o retorno não era algo que acontecia com muita frequência. Recebi apenas um retorno de cada uma das propostas, é inevitável negar que vivemos neste momento um desapontamento decorrente da ausência de retornos, no entanto, estes também contam como resposta, exercem um papel demonstrativo do atual panorama educacional brasileiro.

Abranjo nessa reflexão tanto os *feedbacks* para as atividades postadas pelas professoras, os quais acompanhei no momento da observação, como também os retornos das propostas de atividades apresentadas por mim.

Esse comportamento é justificado por alguns pais pelo fato de alguns trabalharem e só disponibilizarem o celular a criança a noite, ou ainda outros de ter que ceder o celular para outros filhos assistirem aula, e ainda, baseado em Alves (2020), isso se dá pela “dificuldade dos pais em orientar as atividades escolares, considerando o nível de escolaridade familiar, especialmente os pais dos alunos da rede pública, ...” desse modo, se constituindo um entrave para a avaliação do ensino-aprendizagem nesse momento.

Destaco aqui um dos retornos recebidos relacionado a primeira proposta interventiva. O retorno dado por uma mãe, em forma de vídeo, nos mostra o bebe relacionando os alimentos, dispostos pela mãe em uma cesta/fruteira, com as imagens

apresentadas no celular com a intermediação da mãe. A mãe ainda relata por mensagem que durante a realização da atividade, o bebê além de fazer as relações dos alimentos com as imagens, prolongava a ação levando os alimentos até a boca, o que fez com que ela posteriormente, retirasse as cascas dos alimentos para que ele pudesse comer.

Podemos destacar que essa atitude espontânea do bebe, impulsiva e até instintiva, a partir de seu próprio entendimento sobre aquele momento, destaca a autoatividade, a autonomia, como uma ação que demonstra conexões realizadas pelas crianças que são resultados do desenvolvimento infantil. Acionado pelos sentidos, as texturas, as cores e o sabor do alimento, provocaram curiosidade e, manifestando assim, que a alimentação também se relaciona com subjetividade (ALMEIDA, 2008). Desse modo, além dos aspectos nutritivos e vitais, os alimentos (em especial frutas, legumes e verduras) possibilitam ricas experiências para as crianças e despertam através do sensorial a possibilidade de, sensivelmente, explorar outros campos das linguagens.

Percebe-se quão ricas são as visões extraídas de um único retorno, e imaginamos como seriam se tivéssemos obtido mais respostas. No entanto, ainda que não ocorra um contínuo feedback com respostas às atividades propostas, há um ponto que nos revela elementos indispensáveis a essa reflexão relacionado a temática por mim escolhida. Grande parte das postagens nos grupos que retratam momentos diversos das vivências das famílias apresentam uma ênfase por parte dos pais e responsáveis quanto a questão alimentar. Muitas fotos e vídeos dos bebês se alimentando, no café da manhã, almoço, comendo frutas, é um forte indicador que pais e responsáveis destacam como importante os hábitos alimentares das crianças.

Refletindo em tudo o que foi apresentado e, ponderando o que representa as respostas obtidas, concebemos que na relação da criança, sobretudo os bebês, com a alimentação, as vivências são envoltas por aspectos diversos, podemos citar os sociais, motores, cognitivos, afetivos, (e por que não estéticos?) que contribuem e fortalecem o momento da alimentação como um campo pedagógico. No momento da alimentação, em situações diversas, a criança pode vivenciar situações de aprendizagens.

Os estudos de Lessa (2011) reforçam esse pensamento ao entender que o momento e o espaço alimentar, proporcionam autonomia às crianças, e que há relevância no trabalho docente atento e comprometido com o momento alimentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando lemos os dos documentos pelos quais são regidos a Educação infantil, e os relacionamos com a nossa realidade atual, e o nosso estágio que vivenciamos, vemos o quanto esses documentos se inspiram em espaços e práticas reais. Com todas as mudanças de cenário, tornou-se um pouco confuso entender como se configuram a partir de então as garantias aos direitos resguardados às crianças.

Fomos separados e submetidos a ser/estar presente não apenas na dimensão física e ainda sujeitos á repensar objetivos que, buscam a aproximação e a interação em um contexto presencial e que agora associam-se às ações do cuidar e educar, de modo a correlacionar com os conhecimentos sobre a vida cotidiana e as relações das crianças nos ambientes externo à escola. Rees (2007) afirma que “os profissionais de educação infantil são frequentemente lembrados de sua responsabilidade de comunicar-se de modo sensível e responsivo com crianças, pais e colegas”, essa comunicação tornou-se então mais necessária agora, quando o desafio tornou-se reinventar a escola, aqui se tratando da educação infantil especificamente, uma escola “instruída e habilitada” a entrar nas casas e relacionar-se às famílias. A necessidade do distanciamento prejudica sobretudo as interações. Desse modo, tornou-se imprescindível repensar em um currículo baseado não apenas nos campos de experiências da BNCC tendo em vista que, precisa-se considerar agora quais experiências estão acontecendo em casa. Pensar então em diversas possibilidades de experiências que as crianças podem usufruir na Educação Infantil que não ocorrem de modo isolado ou fragmentado, por meio de uma tela, mas que se encontram em um conjunto de práticas e vivências que articulam os saberes e os fazeres das crianças através das situações concretas que as crianças vivenciam.

Apesar de tudo que vimos, das dificuldades que presenciamos, não apenas nossas, mas de todo corpo docente, em fazer que o cuidar e o educar sejam preservados

ainda que de modo virtual, pudemos encontrar respostas ante as nossas inquietações. Nossos objetivos em vivenciar experiências com a linguagem da alimentação, trabalhando através de diferentes materiais foram conquistados ainda que não tenhamos obtido muitos feedbacks que afirmariam a importância da temática.

Mas, o mais gratificante em toda essa experiência ocorreu após todo esse processo de observações e interações, conquistei muito além do que almejava, que foi cativar e atrair, por meio do meu tema, a prática docente. Contemplar em planejamentos posteriores atividades em que as professoras incluíram o trabalho com a alimentação, me fez com convicção desejar ainda mais percorrer o caminho desse trabalho que busca uma prática não apenas pedagógica, mas de formação de sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. Educação Remota: Entre a inclusão e a realidade. In: **Interfaces Científicas**. V.8 N.3. 2020 Disponível em: <https://docplayer.com.br/198786428-Educacao-remota-entre-a-ilusao-e-a-realidade.html>. Acesso : 17/03/2021

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2019

FERRAZ, H.; FUSARI, M. F. R. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

LESSA, Juliana S. **O espaço alimentar e seu papel na socialização da infância: o caso de uma creche pública**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011. Disponível em

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/95440/295798.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso: 20/05/2021

MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, L; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.



OSTETTO, L. E. **Arte, Infância e formação de professores**: Autoria e transgressão. Campinas, SP: Papyrus, 2004. – (Coleção Ágere), 6ª Edição, 2010

RAPIMÁN, D. Q. Pesquisa Qualitativa em Educação. In: **Metodologias Qualitativas**: teoria e prática. Manuel Tavares, Roberto Jarry Richardson (Organizadores) - 1. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.

REES, R. P. Comunicação Primária, O que os adultos podem aprender com os bebês. In: MOYLES, Janet et al. **Fundamentos da educação infantil**: enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, v. 1, 2010.

SALUSTIANO, D. A. **Nas entrelinhas da notícia: jornal escolar como mediador do ensino-aprendizagem da língua materna**. – Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, – 2006

TORRES, Carlos Alberto; FREIRE, Paulo. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.